

Eris negocia nos EUA sob clima hostil

Washington (EUA) — Sob um clima de mal contida hostilidade ao Brasil, o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, reuniu-se no fim da tarde de ontem com o subsecretário do Tesouro dos Estados Unidos, David Mulford, para tentar negociar uma saída para o impasse nas negociações entre o País e os bancos credores. Pela manhã, Eris conversou em Nova Iorque com o presidente do Federal Reserve Bank de Nova York, Gerald Corrigan, uma figura chave para qualquer entendimento com os bancos.

De acordo com uma fonte brasileira bem situada, o objetivo do presidente do BC nas duas conversas seria o de garantir que um pagamento parcial de juros em atraso da dívida externa, que o Governo estaria agora considerando, produzirá o fim do virtual bloqueio a que o País vem sendo submetido desde a semana passada nos organismos financeiros internacionais, por iniciativa dos Estados Unidos e do Japão, por causa do problema da dívida.

Outro objetivo da missão de Eris seria o de assegurar que a retomada dos pagamentos de ju-

ros desobstrua o caminho para a aprovação do acordo que o País negociou com o Fundo Monetário Internacional, há três meses. Mas a forte perda de credibilidade política que o Governo sofreu em Washington, por causa da questão da dívida, tornava incertos, ontem, os possíveis resultados da missão do presidente do Banco Central.

O bloqueio a empréstimos oficiais para o Brasil, que está sendo pessoalmente comandado por Mulford, veio à tona na quinta-feira passada, por um lapso burocrático do Banco Mundial. No início da noite, o banco divulgou um comunicado anunciando a aprovação de dois empréstimos para o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), num total de 450 milhões de dólares. Minutos depois, contudo, a afilida funcionária da instituição telefonou para os destinatários do comunicado pedindo para desconsiderar o anúncio.

A iniciativa de Collor de despachar altos funcionários do Governo para consultar os governos dos países industrializados sobre

uma eventual proposta de pagamento de juros, antes de apresentá-la aos bancos, foi tomada por funcionários americanos como indicação de uma possível mudança na atitude do Governo brasileiro.

Persistia ontem, contudo, nos meios oficiais e entre os bancos, uma forte apreensão a respeito das condições a que o Governo pretende sujeitar uma retomada de pagamentos. Uma eventual insistência do País em reiniciar os pagamentos de juros somente mediante o acerto prévio dos termos de um "acordo definitivo" sobre o estoque da dívida é vista com grande preocupação.

Segundo fontes financeiras, os bancos, que se sentem politicamente apoiados pelos governos dos países industrializados na confrontação com o Brasil, continuarão a insistir no tratamento prioritário e separado da questão dos juros. Embora estejam interessados em embolsar o que puderem antes de 31 de dezembro, as crescentes dúvidas quanto à longevidade política da atual equipe econômica não lhes recomenda a flexibilidade.